

Entre famílias e enxadas: os três principais fluxos imigratórios dos japoneses para o Brasil (1908-1958) e suas diferentes características demográficas

On families and hoes: The three main Japanese immigration flows to Brazil (1908-1958) and their demographic differences

FECHA DE RECEPCIÓN: JULIO 2019
FECHA DE ACEPTACIÓN: OCTUBRE 2020

Thiago Fernando Bonatti ^a

Palabras clave

Imigração Japonesa para o Brasil 1908-1958
Famílias Imigrantes
Censo The Japanese Immigrant in Brazil
Composição Familiar
Imigração Histórica

Keywords

Japanese immigration to Brazil 1908-1958
Immigrant Families
Census The Japanese Immigrant in Brazil
Family composition
Historical immigration

Resumo

Neste trabalho pretende-se, a partir de uma caracterização sociodemográfica dos três principais fluxos imigratórios de japoneses para o Brasil (1908-1924; 1925-1941; 1952-1958), discutir os diferenciais na composição destes fluxos, a partir dos dados obtidos junto ao Censo *The Japanese Immigrant in Brazil*, e a relação com a composição familiar dos imigrantes, tendo em vista os processos que permeiam as relações familiares. É de suma importância analisar o papel das famílias japonesas frente aos fluxos imigratórios para o Brasil, para a compreensão das características e das condições sob as quais ocorreram esses movimentos migratórios. Nesse processo, englobam-se condicionantes históricos e legais, que levaram os japoneses, a partir do final do século XIX e início do século XX, a recorrerem à emigração como alternativa à crise econômica e social pela qual o Japão passava, decorrente dos impactos causados pela abertura do país à industrialização e da urbanização.

Abstract

This paper discusses the differences in the sociodemographic composition of the three main immigrant flows of Japanese to Brazil (1908-1924, 1925-1941, 1952-1958), the differences in family composition between these three flows of immigration to Brazil, using the data found in the census *The Japanese Immigrant in Brazil*, looking for the process that permeate family relations. It is extremely important to analyze the role of Japanese families in the face of the immigration flows to Brazil, in order to understand the characteristics and conditions under which these migratory movements occurred. In this process, there are historical and legal factors that led the Japanese from the end of the 19th century and the beginning of the 20th century to resort to emigration as an alternative to the economic and social crisis that Japan was experiencing due to the impacts caused by the opening of the country to industrialization and urbanization.

^a Universidade Estadual do Campinas. C.e.: thiagofbonatti@gmail.com

INTRODUÇÃO

Analisar o papel das famílias japonesas frente aos fluxos imigratórios para o Brasil é de fundamental importância para a compreensão das características e das condições sob as quais ocorreram esses movimentos migratórios. Nesse processo, englobam-se condicionantes históricos e legais, que levaram os japoneses, a partir do final do século XIX e início do século XX, a recorrerem à emigração como alternativa à crise econômica e social pela qual o país passava, decorrente dos impactos causados pela abertura do país à industrialização e da urbanização (Sakurai, 2007; Suzuki, 1969).

Para tanto, é necessário ter em vista os processos que permeiam as relações familiares, e que interferem no ciclo de vida dos indivíduos. Neste trabalho, serão analisados, a partir de uma caracterização dos fluxos imigratórios de japoneses para o Brasil, os diferenciais na composição destes fluxos e a relação destes com a composição familiar dos imigrantes. Sob a ótica dos estudos sobre família, busca-se compreender como as etapas do ciclo de vida individual e familiar são afetadas por acontecimentos e marcos históricos, como a migração, a urbanização, a guerra, e interferem não somente na cronologia das etapas da vida, mas rompem com o curso normativo habitual, inserem indivíduos e famílias em novas perspectivas, e determinam os novos rumos que serão tomados.

Utilizou-se neste trabalho dados do Censo *The Japanese Immigrant in Brazil* (Suzuki, 1964), realizado com a colônia japonesa no Brasil em 1958, e publicado em 1964, que fornece informações sobre as características demográficas, econômicas e sociais dessa população, fundamentando a análise sobre a composição dos três principais fluxos imigratórios de japoneses em direção ao Brasil, nos períodos de 1908 a 1924, de 1925 a 1941 e de 1952 a 1958.

O primeiro grande fluxo, caracterizado pela vinda de japoneses subsidiados pelo governo do Estado de São Paulo, em função da queda nos fluxos de mão-de-obra europeia, ocorreu entre 1908 e 1924, com algumas interrupções, dentre as quais, aquela propiciada pela Primeira Guerra Mundial e pela retomada dos movimentos imigratórios europeus por curtos períodos de tempo (Suzuki, 1969).

O segundo período de grande fluxo de imigrantes japoneses com destino ao Brasil ocorreu entre 1925 e 1941, período no qual o governo japonês passou a arcar com os custos das viagens, impulsionando o processo migratório, que viria a ser interrompido à partir do início da Segunda Guerra Mundial, permanecendo assim até 1951 (Suzuki, 1969).

Em 1952 até 1958 ocorre o terceiro grande fluxo de imigração, após a retomada das relações diplomáticas entre Brasil e Japão (Suzuki, 1969). Este fluxo se manterá até o início dos anos 1970, embora no presente trabalho, sejam utilizadas apenas as informações disponibilizadas até 1958, ano em que ocorreu o recenseamento, que constitui a principal fonte aqui utilizada.

1. OBJETIVOS

O artigo analisa a composição e as características sociodemográficas dos três principais fluxos de imigrantes japoneses chegados ao Brasil (1908-1924; 1925-1941; 1952-1958), a partir dos dados disponibilizados pelo Censo *The Japanese Immigrant in Brazil* (Suzuki, 1964). A composição e as características das famílias são de fundamental importância para a compreensão dos eventuais diferenciais entre os fluxos dos imigrantes. Busca-se verificar os diferentes processos institucionais que viabilizaram a chegada desses imigrantes, e como estes se tornaram elementos condicionantes à imigração. A partir da construção do perfil comparativo dos três fluxos, propõe-se identificar diferenciais na composição etária, estrutura e tamanho da família, bem como os contextos históricos e processos de cunho político e social que influenciaram a decisão de emigrar.

1.1. Uma síntese sobre os fluxos da imigração japonesa para o Brasil

Embora se registre uma tentativa inicial de imigração japonesa para o Brasil ainda no século XIX (Kodama e Sakurai, 2008), o primeiro contingente significativo de imigrantes japoneses somente chegou ao Brasil em 1908, a partir de uma ação do governo paulista, que inaugurou uma política de subsídios de parte das passagens daqueles imigrantes, ficando a parte restante a cargo dos empregadores, que seriam ressarcidos posteriormente pelos imigrantes. De 1908 a 1914, chegaram a São Paulo 14.886 japoneses (Kodama e Sakurai, 2008).

Devido à interrupção do fluxo de mão-de-obra europeia, por conta da Primeira Guerra Mundial, foram retomados os subsídios para a imigração japonesa e, entre 1917 e 1920, chegaram ao Brasil outros 13.595 japoneses. Com o final da Primeira Guerra Mundial, o governo paulista preferiu direcionar mais uma vez sua atenção aos imigrantes europeus, ainda que a partir de 1928, o estado passasse a receber parcelas significativas de imigrantes japoneses, subsidiados pelo seu país de origem (Kishimoto e Demartini, 2012; Ninomiya, 1996). A partir de então, esse fluxo atingiu seu ápice entre 1933 e 1934. No intervalo entre os anos de 1924 e 1935, registrou-se a entrada de 141.732 imigrantes japoneses (IBGE, 2008; Patarra, 1995).

O crescente volume de imigrantes e a possibilidade de aquisição de terras (Petrone, 1978) pelas empresas japonesas, acabou por suscitar em setores do governo e da opinião pública, atitudes e propostas eugenistas (Oliveira e Tarelow, 2014). Essas manifestações e posições ganharam impulso a partir da década de 1930, com o surgimento de campanhas anti-nipônicas, que colocavam em suspeição as atividades e a preservação da cultura dos japoneses, sob a égide de se oporem à insolvência étnica e ameaçar a "segurança nacional", de acordo com as "aspirações imperialistas japonesas" (Kodama e Sakurai, 2008).

Com o início da Segunda Guerra Mundial que marcou, paralelamente, a aproximação do Brasil aos Aliados e do Japão ao Eixo, a situação dos imigrantes que já era difícil,

não apenas por conta das propostas eugenistas mencionadas, mas pelas precárias condições de vida e de trabalho dos imigrantes, ficou ainda mais complicada (Ocada, 2006).

Naquele contexto, escolas foram fechadas, assim como associações culturais e jornais. Tornou-se proibida a entrada de livros em língua japonesa, houve a suspensão da emissão de carteiras de motorista para japoneses, e a suspensão da sua liberdade de locomoção (IBGE, 2008). A todos esses fatos, podem ser somados ainda a expropriação de bens, de terras, ameaças e detenções. A situação ganhou tamanha proporção, de maneira a quase haver um veto à imigração japonesa em 1947 (Kodama e Sakurai, 2008).

Após uma interrupção de quase duas décadas a entrada de imigrantes japoneses foi retomada no Estado de São Paulo, impulsionada pelo término da Segunda Guerra Mundial, a partir do estabelecimento de uma nova geopolítica e novo processo de expansão capitalista (Paiva, 2008). Ao longo da década de 1950, houve a retomada da corrente imigratória japonesa, estimulada através de um programa de acolhimento de refugiados de guerra, estipulado pela ONU e, já no ano de 1951, foram restabelecidas as relações diplomáticas entre Brasil e Japão.

No pós-guerra, a emigração foi entendida pelo governo japonês como uma saída, diante da reestruturação econômica vigente naquele momento, e como uma alternativa às altas taxas de desemprego no país. Assim, o governo estabeleceu critérios e organizou a seleção de emigrantes que seriam encaminhados não só para o Brasil, mas também para outros países da América Latina.

Os imigrantes japoneses que se inserem neste último fluxo, chegaram ao Brasil durante o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, que se caracterizou por uma política econômica desenvolvimentista. Assim, muitos dos imigrantes foram encaminhados para regiões que necessitavam ser exploradas, como as regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil.

No entanto, nem todos foram direcionados para atender aquelas demandas. Parte da corrente imigratória japonesa dos pós-Segunda Guerra foi encaminhada para a agricultura. Nesse caso, os imigrantes que chegavam, vinham individualmente ou eram chamados por parentes que já estavam estabelecidos no território brasileiro, à exemplo do que ocorria nos estados de São Paulo e do Paraná (Kodama e Sakurai, 2008).

É importante frisar, desde já, que havia uma distinção entre os japoneses imigrantes que vieram no pós-guerra, e aqueles chegados anteriormente: nesse último fluxo, os migrantes possuíam grau educacional mais elevado, tinham qualificação para atuar nas áreas agrícolas, assim como em alguns setores da indústria (Sasaki, 2006).

O período do Pós-Segunda Guerra Mundial caracterizou-se pela retomada da política imigratória, com o Decreto Lei n. 7.967 de 18/09/1945, embora tenha se mantido o sistema de cotas que restringiu a imigração estrangeira na "Era Vargas", desde 1934.

Chegaram ao Brasil, entre 1952 e 1970, mais de 50.000 imigrantes japoneses, destinados a suprir as necessidades de mão-de-obra para dar prosseguimentos aos projetos de expansão das áreas agrícolas e de expansão da industrialização (Sakurai, 2008).

2. CARACTERIZAÇÃO DOS FLUXOS IMIGRATÓRIOS DE JAPONESES PARA O BRASIL

Com a entrada do Japão na Era Meiji (1868), Handa (1980) e Ocada (2012), apontam que o processo de modernização japonês teria ocorrido “em caráter urgente e artificialmente”, agravando as condições em que viviam os camponeses, sustentáculo da economia agrária japonesa à época. Além disso, ajustes econômicos que levaram à queda no preço do arroz, principal produto agrícola japonês, fizeram com que muitos indivíduos perdessem suas terras ou ficassem desempregados. Essa situação fez com que essas pessoas passassem a buscar melhores condições em outras localidades ou junto aos grandes centros. A indústria japonesa, por sua vez, ainda em desenvolvimento, não tinha capacidade para absorver a massa de trabalhadores que deixavam o campo em busca de melhores condições nos meios urbanos. A solução encontrada pelo governo, para aliviar essas tensões econômicas e sociais, foi a adoção de políticas emigratórias. Como as possibilidades de sustento durante a industrialização japonesa eram bastante reduzidas, a opção que restava aos trabalhadores japoneses era “deixar a família para tentar assegurar o ganho financeiro em outras localidades”, para garantir a sobrevivência em meio às condições impostas pelo desenvolvimento do capitalismo (Ocada, 2012)

Segundo Vieira (1973) e Sakurai (2007), foram enviadas famílias inteiras de japoneses ao Brasil - “para satisfazer, ao mesmo tempo, às exigências legais e à necessidade de reduzir as despesas de viagem” (Vieira, 1973) -, e não somente jovens, como havia ocorrido em períodos anteriores, para localidades como o Hawaii e os EUA. Outro elemento importante da composição dos fluxos imigratórios de japoneses, é que não houve a necessidade de buscar casamentos fora do grupo dos imigrantes, devido às características deste contingente imigratório e sua amplitude, ao menos nos dois primeiros grandes fluxos (1908-1924 e 1925-1942) que precederam a Segunda Guerra Mundial, o que viria a ser empiricamente constatado por Vieira (1973), em pesquisa realizada no município de Marília, São Paulo, um dos municípios com maior presença de japoneses e descendentes no estado (Suzuki, 1969).

As características da composição das famílias dos imigrantes eram determinadas, principalmente, pelos condicionantes relacionados à imigração para o Brasil. As condições iniciais eram de que, nas famílias, o responsável tivesse menos de 50 anos, e que houvesse ao menos três pessoas aptas a trabalhar – a regra das “três enxadas”, mesmo que contando com mais membros, os quais não tiveram sua emigração restringida (Sakurai, 2007).

Para preencher os requisitos necessários, as famílias usavam o artifício das “famílias compostas” (Saito, 1961), incorporando pessoas não ligadas por laços sanguíneos como membros, normalmente parentes laterais, como cunhados, primos, sobrinhos, com o objetivo de justificar sobrenomes diferentes (Sakurai, 2000). Esses indivíduos eram denominados “*Kosei-kazoku*” ou “*Kousei kazoku*”, alcunha dada pelos próprios imigrantes, que não estava mencionada em qualquer documento oficial, mas cuja presença era motivada pelas peculiaridades da política imigratória brasileira. Entretanto, mesmo pessoas sem nenhum parentesco eram por diversas vezes incluídas nas fa-

mílias, através da realização de casamentos e adoções simuladas, viabilizados pela legislação japonesa, ambos legais, mas que na prática eram ausentes de direitos e obrigações (Suzuki, 1969).

De acordo com as leis japonesas, estes acordos eram constitucionais, e o membro *kosei kazoku* desfazia o compromisso legal na sua chegada ao Brasil, simplesmente levando a documentação necessária ao Consulado do Japão. A ação dos *kosei kazoku* passou a ser dificultada a partir de 1942, com mudanças na legislação brasileira (Suzuki, 1969).

Os primeiros movimentos de imigrantes japoneses para o Brasil, a partir de 1908, tinham como propósito ratificar um tratado de comércio assinado entre os dois países em 1895. Para o Japão, a emigração tinha como objetivo aliviar as pressões demográficas e a insatisfação com as condições de vida no país. Para o Brasil, havia o interesse na exportação do café para o outro país, e receber mão-de-obra para a lavoura, principalmente para a cafeicultura.

Atraídos pela propaganda de terras extensas, com possibilidade de enriquecimento, intensificaram-se os fluxos. Entre 1925 e 1942, chegaram ao Brasil cerca de dois terços do total, aproximadamente 200.000 imigrantes japoneses (Sakurai, 2004).

A situação encontrada no Brasil, no entanto, não era a esperada. Houve grande dificuldade na lida com o café, com a baixa produção em determinados locais, com o desconhecimento da atividade agrícola (já que cerca de 50% dos imigrantes tinham origem urbana). Para saldar as dívidas contraídas com a imigração, todos na família japonesa participavam. Crianças com mais de 12 anos já eram consideradas aptas ao trabalho na lavoura – uma das “três enxadas” necessárias às famílias (Sakurai, 2007) – enquanto os idosos ajudavam nas tarefas domésticas e atividades voltadas à alimentação familiar.

Elemento importante presente no cotidiano dos imigrantes, fundado a partir das famílias e das redes de sociabilidades, são as associações. Ali, as famílias criavam escolas, espaços esportivos e de lazer. Essas associações seguiam o modelo hierárquico japonês, sendo o comando e a direção dados aos mais velhos. Era um espaço de sociabilidade e de conhecer outros japoneses, estabelecer laços e arrumar casamentos (Sakurai, 2000).

Após a Segunda Guerra Mundial e a posterior rendição japonesa, houve alterações nos rumos e nas vidas dos imigrantes. Após o período de ruptura nas relações diplomáticas entre Brasil e Japão (entre 1942 e 1951), e a subsequente retomada das relações entre os dois países, praticamente não houve emigração de japoneses para o Brasil. Após a guerra, foram retomados os fluxos emigratórios japoneses, mas com contingentes menores, de perfil diferenciado em relação aos fluxos anteriores.

Estes fluxos do pós-guerra eram formados em grande parte por jovens solteiros, majoritariamente do sexo masculino, com média de idade de 25 anos, e que possuíam qualificação profissional (Sakurai, 2007). Foram as redes estabelecidas anteriormente, somadas às dificuldades para obtenção de empregos no país devastado pela guerra, que estimularam esse novo fluxo migratório. Outro grande diferencial deste grupo em relação aos ante-

riores era a disposição de permanecer no Brasil, diferentemente do propósito de acumular riquezas e retornar ao país de origem, que havia caracterizado os fluxos pré-guerra.

Suzuki (1969), a partir das informações obtidas com o Censo *The Japanese Immigrant in Brazil* (Suzuki, 1964), analisou a composição etária e as relações familiares dos imigrantes. Os dados obtidos demonstraram a diferença que havia entre os fluxos migratórios, com maior presença de jovens nos primeiros contingentes (até 1924), uma presença mais equilibrada nas diferentes faixas etárias (de 1925 a 1942) e, no pós-guerra, havia amplo predomínio de jovens na composição etária daquele período (Suzuki, 1969).

O que marca os diferentes momentos e a distinta composição dos fluxos imigratórios japoneses relaciona-se aos subsídios, não só sua disponibilidade para arcar com a realização das viagens, como também quem fornecia tais recursos para a migração. Nos anos iniciais da imigração japonesa, os indivíduos recebiam subsídio do governo brasileiro, que estava interessado em expandir seu comércio exterior e atrair mão-de-obra para a lavoura, embora dificultasse a entrada individualizada, propiciando e/ou estimulando, a formação das famílias artificiais ou os *kosei kazoku*. Isso ocorria também porque nem sempre havia membros suficientes (três enxadas) nas famílias para emigrar, e os recursos eram extremamente escassos, reduzindo o contingente de potenciais famílias com condições financeiras para deixarem seu país.

O segundo fluxo, que reuniu o maior contingente de imigrantes, por sua vez, já contava com redes de sociabilidade e informações, estabelecidas no Brasil, o que viabilizou a partida de famílias maiores. O subsídio para o custeio das viagens passou a ser fornecido pelo governo japonês, que buscava livrar o país de uma grave crise econômica e demográfica (Suzuki, 1969).

Por fim, o último grande fluxo de imigrantes japoneses, posterior à Segunda Guerra Mundial, era formado por famílias menores, já que houve por parte do governo brasileiro uma flexibilização em relação à entrada de imigrantes individuais e estes passaram a receber também subsídios do governo japonês. Na maior parte das vezes, aqueles imigrantes partiam do Japão com contrato firmado com empresas e fazendas de japoneses no Brasil, as quais também disponibilizavam recursos necessários à viagem. Nesse último fluxo havia o interesse em recrutar pessoas com maiores qualificações, tanto para as funções agrícolas quanto para a crescente atividade industrial (Suzuki, 1969; 1995).

3. A IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL E OS ESTUDOS DE FAMÍLIA

Segundo Ruggles (1990), os estudos demográficos sobre famílias, desde o final dos anos 1970, tem ganhado relevância e se estabelecido enquanto disciplina. Esta temática engloba os estudos sobre as interações relacionadas ao comportamento demográfico e composição das famílias, domicílios e relações de parentesco.

Bongaarts (1983), classificou o trabalho da demografia da família em quatro categorias: I – descrição do tamanho da família e do domicílio e sua composição; II – a

análise dos determinantes demográficos da composição familiar e domiciliar; III- os efeitos da composição familiar e domiciliar sobre o comportamento demográfico; IV- a projeção do número e tamanho dos domicílios

Os estudos sobre a história da família e da demografia da família surgiram em meados dos anos 1960, e as preocupações com os acontecimentos históricos tem tomado importância no desenvolvimento dos estudos sobre a demografia familiar desde seu início.

Ruggles (1990) refere-se ainda a Brass (1983), que sugeriu que o núcleo da demografia familiar consiste na construção de modelos para analisar os efeitos dos nascimentos, mortes, casamentos e migração na composição das famílias, domicílios e relações de parentesco.

Scott (2009) aponta que os estudos sobre a família têm evoluído, principalmente em decorrência da interação com as demandas crescentes das Ciências Sociais, para além dos estudos realizados pela Demografia Histórica, principalmente tendo em conta a complexidade do tema e da multiplicidade de situações que contemplam as famílias nas mais diferentes sociedades.

A autora argumenta que os debates relacionados à família não podem ficar restritos apenas à análise da componente demográfica, ou da variável relativa à coresidência, pois os elementos que compreendem essas relações vão além dos fatores biológicos e da convivência sob mesmo teto. Dessa maneira, houve um crescente interesse pelo estudo das trajetórias individuais e familiares.

Segundo Hareven (1995), os pesquisadores interessados no estudo da história da família têm procurado reintroduzir o fator da experiência humana em suas investigações e enfatizar a importância das mudanças históricas. A questão que emerge é como compreender os vários níveis que compõe a vida de diversas famílias e suas interações com as grandes forças sociais, econômicas e políticas; Isso se torna ainda mais complexo em decorrência das variações na definição e da constituição das famílias, considerando-se as mudanças produzidas de acordo com as estruturas por idade e sexo, de um lugar ao outro, e no decorrer do tempo, fazendo-se necessário compreender a relação entre o tempo individual, o tempo familiar e o tempo histórico.

Para a autora, a história da família deixou de ser analisada como uma unidade estática, em um determinado momento, para se tornar um exame de um processo que se desenvolve ao longo da vida de seus membros. Passou-se ainda a estudar a interação da família com elementos "externos", tais como a religião, educação, instituições penais e beneficiárias, e ainda relacionada a processos de migração, industrialização e urbanização (Hareven, 1995).

Esforços recentes têm se voltado ao estudo dos processos de tomada de decisões na família, direcionando a investigação para a análise das estratégias e escolhas que os indivíduos e as famílias tomam, e como isso interfere no seu "ciclo de vida". Segundo Hareven (1995), é possível vincular o desenvolvimento pessoal e familiar aos eventos históricos, graças à comparação de idades e coortes.

Os estudos baseados no ciclo de vida não só introduziram uma nova dinâmica nos estudos de família, como também permitiram que as análises e a interpretação não se restringissem a um simples exame das distintas etapas do ciclo familiar, constituindo-se, sim, na análise da evolução cronológica das transições familiares e individuais e destas em relação ao tempo histórico. Para Tamara Hareven, o ritmo e configuração da temporalidade das transições são determinados pelas condições culturais e sociais do momento. No âmbito familiar, o período de mudanças implica que, tanto as mudanças individuais como as coletivas, estejam sincronizadas (Hareven, 1995).

A investigação do ciclo de vida também ilustra as relações existentes entre o comportamento e a percepção. Ainda que os períodos de transição possam ser remontados a partir de dados demográficos, o estudo do seu significado para os indivíduos e suas famílias deve estar baseado em dados oriundos de fontes qualitativas e subjetivas. Nas palavras da autora:

“La perspectiva de curso vital ha hecho una importante contribución al estudio del parentesco al dirigir atención al siempre cambiante grupo de parientes que lo rodea. Este grupo se disuelve y rehace, cambia de composición y altera su relación con el individuo y la familia nuclear a medida que pasa el tiempo” (Hareven, 1995: 116).

Outro elemento fundamental para compreender as interações familiares e de parentesco, são as redes de sociabilidade. Para compreender as redes existentes nos diversos lugares, é importante ter em conta a sua fluidez ao longo do ciclo de vida, e a influência que a migração tem sobre elas.

Hareven (1978 *apud* Hareven, 1995) identificou o papel preponderante que os membros das famílias e seus parentes tiveram na organização da migração de zonas rurais para as cidades industriais nos séculos XIX e XX, no seu assentamento em comunidades urbanas, e na ajuda para os imigrantes, para que estes se adaptassem aos seus novos trabalhos e condições de vida. A imigração aos centros urbanos se levava a cabo, em sua maior parte, por conta das relações de parentesco. As redes de parentesco e as comunidades de mesma origem se reforçavam graças à emigração e imigração de seus membros, e a consequente transferência de recursos.

Tal como afirma Hareven, o encontro dos trabalhadores imigrantes com o sistema industrial moderno não levou nem ao abandono nem à estrita obediência das tradições anteriores à sua migração. Ao contrário, *“(...) os trabalhadores adaptaram seus costumes e organização social às novas condições (...). A família seleccionava aqueles aspectos de sua cultura tradicional que eram mais úteis no novo entorno, e os adaptava às novas necessidades”* (Hareven, 1995: 125).

Ainda segundo Hareven (1995), acerca das estratégias familiares, alguns estudiosos, principalmente os estudos feministas, defendem que o conceito de família como um coletivo tende a confundir os distintos papéis que apresentam seus membros no processo de tomada de decisões. Diferenciar esses papéis é complexo, devido à falta desse tipo de informação. No entanto, a utilização de fontes orais tem permitido recons-

truir algumas dinâmicas internas, seguidas das decisões tomadas coletivamente nas famílias, o que não significava necessariamente, que as decisões eram democráticas.

Um elemento importante para a análise aqui apresentada, e que compõe a discussão sobre o ciclo de vida familiar e os processos nele envolvidos, é o que Hareven e Masaoka (1988) denominam por *turning points* ou, em tradução livre, pontos de virada ou transformação. São eventos que fogem das mudanças normativas socialmente construídas (sair de casa, arrumar trabalho, casar-se, morrer), que impactam o ciclo de vida dos indivíduos, das famílias e mesmo de gerações posteriores, que herdarão as consequências dos rumos que seus antepassados tomaram em relação às suas vidas.

Segundo os autores, durante trajetória de vida individual, a questão crucial é como as pessoas conduzem a temporalidade e organizam sua entrada em vários papéis (educação, família, trabalho e comunidade) ao longo de seu curso de vida. No nível familiar, o tempo envolve a sincronização das transições da vida individual com as transições familiares coletivas e interação dos papéis familiares e de trabalho ao longo da vida. A terceira característica do tempo é o impacto cumulativo dos eventos anteriores nos subsequentes ao longo de todo o ciclo de vida. A temporização antecipada ou atrasada de certas transições afeta o ritmo das subsequentes.

As forças históricas desempenham um papel crucial nesse complexo padrão cumulativo. Primeiro, as condições históricas têm um impacto direto no curso de vida dos indivíduos no momento em que as encontram, e as condições históricas anteriores continuam a ter um impacto indireto ao longo do curso da vida. O impacto das forças históricas no curso da vida não termina em uma geração. Cada geração encontra um conjunto de circunstâncias históricas que moldam sua história de vida subsequente (Hareven e Masaoka, 1988).

Segundo os autores, um *turning point* é um processo que envolve a alteração do ciclo vida, que promove uma "correção do curso", e requer, portanto, certas estratégias e escolhas. Eventos como a Grande Depressão de 1929 e as guerras mundiais causaram pontos críticos na vida das pessoas que os vivenciaram. No Japão, a experiência de guerra foi devastadora: desenraizou pessoas, destruiu famílias, destruiu propriedades e eliminou empregos por quase uma década (Cook, 1983).

Nesse sentido, eventos historicamente marcantes promoveram a emigração dos japoneses, e influenciaram seu ciclo de vida, para além das mudanças socialmente normatizadas. A transição de um Japão feudal para um país moderno e industrial, urbano; as grandes crises econômicas que agravaram as tensões sociais internas; a participação do país em conflitos armados e a Segunda Guerra Mundial (Ando e Wakisaka, 1971), promoveram mudanças drásticas no ciclo de vida da população. A emigração, decorrente destes processos históricos, políticos e sociais, pode ser observada como um *turning point*, frente aos impactos que causou nos indivíduos, famílias e no ciclo de vida.

As próprias características dos imigrantes japoneses que compuseram os diferentes fluxos em direção ao Brasil, tanto individuais quanto familiares, refletem os impactos causados por esses eventos. Isso, aliado a condicionantes legais, normas burocráti-

cas e sociais, também podem ser encarados como pontos centrais nas estratégias e direções tomadas pelos imigrantes, que viram na migração uma possibilidade de mudança e de prosseguimento do seu ciclo de vida.

Portanto, se faz inerente à análise da composição e características dos fluxos de imigrantes japoneses para o Brasil, compreender as possibilidades de análises relacionadas aos estudos de família, como apresentado anteriormente, e os desdobramentos que estas análises proporcionam para uma compreensão mais apurada das singularidades apresentadas por esse grupo.

4. PERFIS COMPARATIVOS DOS TRÊS PRINCIPAIS FLUXOS IMIGRATÓRIOS JAPONESES PARA O BRASIL: ALGUNS RESULTADOS

A elaboração dos perfis comparativos propõe uma representação das características sociodemográficas, que relacionam os três principais fluxos imigratórios de japoneses para o Brasil, em três momentos no tempo¹. Tal proposta refere-se à metodologia desenvolvida por Anazawa (2012), sob a insígnia de "Painéis de Observações". A proposta adotada visa explorar a complexidade dos temas, a partir de uma visualização integrada dos elementos abordados, que não devem ser observados sob a ótica de um único índice sintético, ou de uma única variável, medida ou forma de visualização dos dados. Tal proposta possibilita o entendimento multidimensional das questões apresentadas, a partir da integração de representações gráficas e informações tabuladas.

Para a elaboração dos Perfis Comparativos dos três principais fluxos imigratórios japoneses, optou-se pela construção de cinco elementos de observação. Para a análise exploratória de caráter quantitativo, a partir do Censo *The Japanese Immigrant in Brazil* (Suzuki, 1964), incluiu-se toda a população de imigrantes japoneses e seus descendentes no território brasileiro.

Este Censo² foi realizado entre os anos de 1958 e 1959, em comemoração aos 50 anos da imigração japonesa para o Brasil, sendo atualizado em 1962. Foi publicado em 1964 pela *University of Tokyo Press* em parceria com outras universidades do Brasil e do exterior e contou com um total de 66.637 famílias entrevistadas, somando 438.719 pessoas recenseadas. A importância desta fonte de dados está no detalhamento das informações socioeconômicas e demográficas por período de chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil, o que permitiu a construção de perfis socioeconômicos e demo-

1 Há outros aspectos que poderiam estar presentes no cerne desta discussão, como mobilidade social (Cardoso, 1995), e geográfica (Suzuki, 1969; Saito, 1961) dos imigrantes, no entanto, optou-se por manter somente os elementos aqui apresentados, cabendo, em uma outra oportunidade, ampliar o espectro analisado e o diálogo com outras temáticas.

2 O propósito do presente trabalho é atentar para a importância da discussão em torno da complexidade da composição familiar e como as famílias estão suscetíveis a fatores externos que determinam suas ações e comportamento. Para maiores informações sobre o *The Japanese Immigrant in Brazil*, vide Bonatti e Scott (2018).

gráficos por período da imigração japonesa no Brasil. Segundo Taniguti (2012), o Censo *The Japanese Immigrant in Brazil* pode ser considerado "a mais completa fonte de dados sobre a população de imigrantes japoneses no Brasil até o ano de 1962".

Cabe ressaltar que há variações nas tabulações apresentadas neste Censo, devido ao período da captação das informações (1958-1959), e posterior atualização de algumas variáveis (1962), mas não em sua totalidade. Há, portanto, informações tabuladas que apresentam períodos diferentes em sua apresentação, o que interfere no universo da pesquisa. Para o presente trabalho, as informações levantadas restringem-se ao período 1908-1958.

Os Perfis Comparativos de cada fluxo imigratório japonês são compostos por cinco elementos de observação:

- Elemento 1. Pirâmides etárias: construídas a partir de dados de idade e sexo, por período de chegada no Brasil;

Figura 1

Descrição dos tipos de família segundo o Censo *The Japanese Immigrant in Brazil*

<i>Tipos de família</i>	<i>Descrição</i>	<i>Esquema gráfico</i>
Conjugal	Casal com ou sem filhos(as) solteiros(as)	
Linear	Família com ascendentes lineares do chefe de família homem ou com um filho(a) casado(a) ou com neto(a) solteiro(a) ou irmãos(ãs) do chefe de família homem casado	
Colateral	Família com irmãos ou outros parentes colaterais casados do chefe de família	
Linear e colateral	Família com características de família linear e família colateral	
Por afinidades	Família por afinidades, isto é, com parentes da esposa	
Com membros não-japoneses	Família com um ou mais membros não-japoneses	
Irmão	Família composta por chefe de família solteiro e seus irmãos(ãs) solteiros(as)	
Uma pessoa	Pessoa que vive sozinha e é economicamente independente	

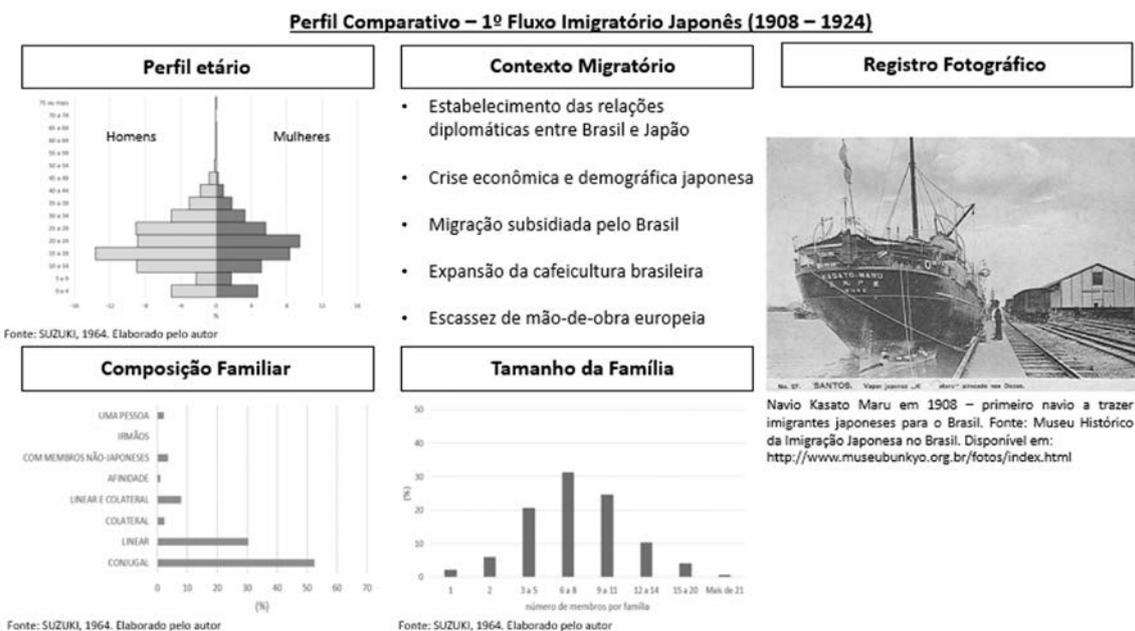
Legenda: Δ homens; ○ mulheres; = laços de casamento; — laços de sangue; ▲ chefe de família homem; ● chefe de família mulher; ⚠ homem falecido, separado ou divorciado; ∅ mulher falecida, separada ou divorciada; | ascendência e descendência direta

Fonte: Suzuki (1964).

- Elemento 2. Contexto migratório: análise qualitativa de informações obtidas junto ao referencial teórico sobre migração japonesa;
- Elemento 3. Composição familiar: os dados obtidos junto ao *The Japanese Immigrant in Brazil* que apresentam as seguintes categorias: Conjugal, Linear, Colateral, Linear e Colateral, Afinidade, Com membros não-japoneses, Irmãos e Uma Pessoa. A descrição de cada uma das categorias encontra-se na Figura 1.
- Elemento 4. Tamanho da família: os dados foram obtidos junto ao *The Japanese Immigrant in Brazil*, referentes ao número de membros da família na chegada, por período de chegada do chefe de família;
- Elemento 5. Registros ilustrativos: foram utilizados registros fotográficos de acervo pessoal das famílias Anazawa, Sato e Ueno. Além de registros fotográficos obtidos junto ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.

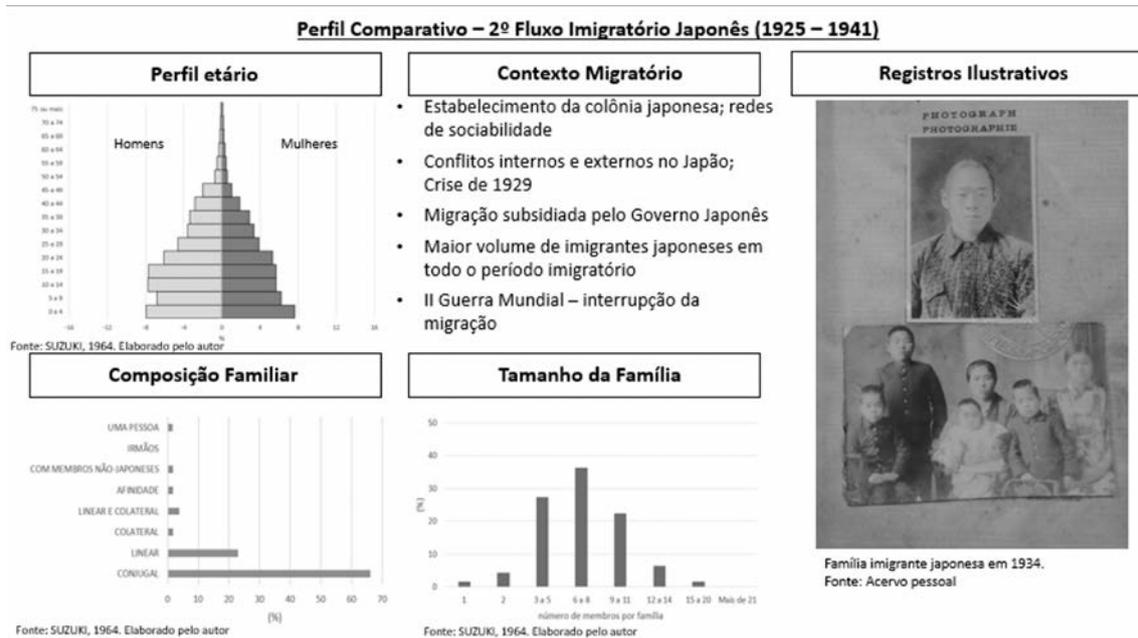
Quadro 1

Perfil comparativo do primeiro fluxo imigratório japonês para o Brasil (1908-1924)

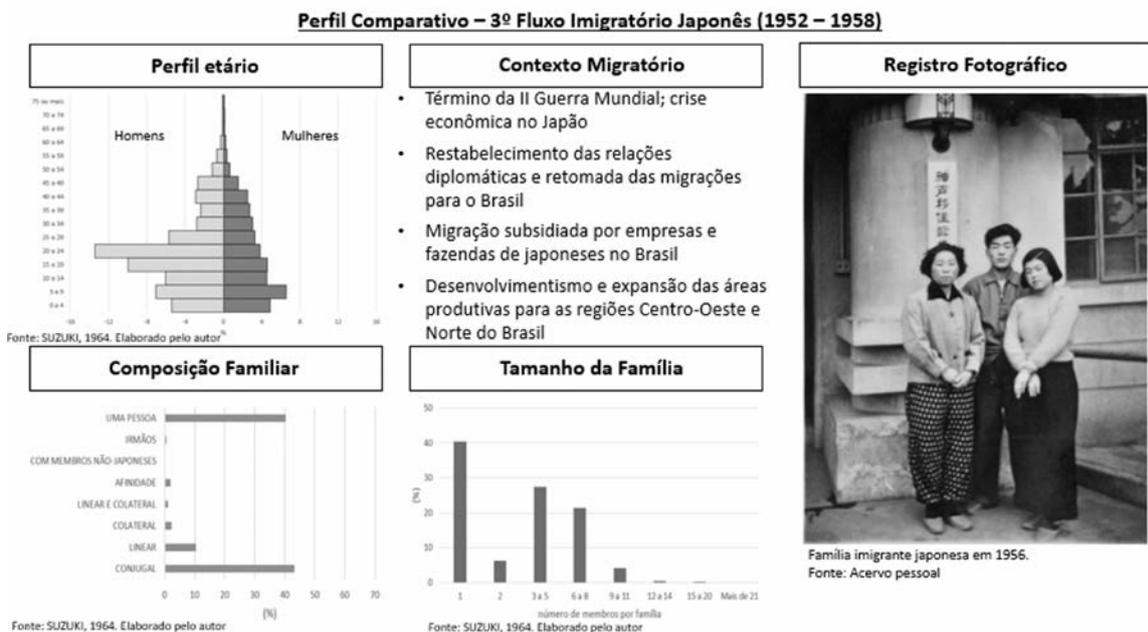


Quadro 2

Perfil comparativo do segundo fluxo imigratório japonês para o Brasil (1925-1941)

**Quadro 3**

Perfil comparativo do terceiro fluxo imigratório japonês para o Brasil (1952-1958)

**4.1. Perfil etário**

As pirâmides etárias construídas para os três fluxos migratórios revelam diferenciais de distribuição por sexo e idade. Em termos comparativos, a similaridade entre os três fluxos ocorre com a predominância de imigrantes japoneses homens e jovens. No entanto, há variações que ocorrem de forma pontual para cada fluxo. Entre os três fluxos,

o primeiro fluxo, referente aos anos de 1908 a 1924, se destaca por apresentar menor concentração de crianças entre 0 a 4 anos e 5 a 9 anos.

A maior concentração de crianças ocorre no segundo fluxo (1925 a 1941), quando ocorreu o maior percentual migratório de famílias conjugais, analisadas posteriormente. O primeiro fluxo ainda se destaca dos demais, em relação à concentração de imigrantes na idade de 10 a 29 anos, com destaque para homens na faixa etária de 15 a 19 anos, que consiste no maior percentual de distribuição entre os homens. Além disso, neste fluxo, foi possível observar que o baixo percentual e até mesmo ausência de pessoas com 45 anos e mais, para ambos os sexos.

Em suma, o primeiro fluxo possui distribuição etária concentrada nas idades mais jovens, com baixa participação de crianças e pessoas de 45 anos e mais. Já para o segundo fluxo, há predominância de crianças e jovens até 19 anos, indicando uma migração composta em sua maioria, por famílias. Diferente do primeiro fluxo, a pirâmide etária do segundo fluxo indica uma distribuição de indivíduos em idades mais avançadas, outro indicativo da imigração composta por famílias.

Para a pirâmide que identifica a distribuição dos imigrantes pós-Segunda Guerra (terceiro fluxo), verifica-se grande desequilíbrio nas razões de idade e sexo. Segundo Suzuki (1969), esse desequilíbrio, se deve principalmente à política anteriormente adotada pelo governo brasileiro, de restringir a entrada de famílias imigrantes, em proporção e àquelas que possuíssem ao menos três membros em idade ativa, favorecendo a inclusão de homens jovens e solteiros às famílias que estavam imigrando para o Brasil. Outro ponto fundamental foi o aumento de imigrantes individuais no pós-guerra. Dessa maneira, o que se observa é a presença maciça de homens, nos grupos entre 15 e 30 anos. Os demais grupos seguem em proporções, ainda que mais favoráveis ao sexo masculino, mas com menor disparidade.

4.2. Composição familiar

Em termos da composição familiar, o que se percebe é uma proximidade nos dois primeiros fluxos³. A maior parte do imigrantes pertencia às famílias conjugais e lineares, nessa ordem (ver definições dos tipos de família na figura 1). Do primeiro para o segundo fluxo, o que se observa é a diminuição da proporção de famílias lineares e o aumento proporcional de famílias conjugais.

Esse cenário se justifica, primeiramente, em decorrência das restrições à imigração para o Brasil, que era condicionada à presença de ao menos três pessoas ativas como força de trabalho (como dito anteriormente, crianças a partir de 12 anos já eram consideradas aptas ao trabalho). Isso, somado à restrição da migração individual, fez com

3 Vieira (1973) analisou, seguindo os mesmos parâmetros aqui apresentados, a composição familiar no Município de Marília – SP, comparando-o com a capital do estado, a partir de um levantamento próprio, realizado em 1964, e dos dados apresentados no Censo *The Japanese Immigrant in Brazil*, com informações de 1958. Nesta ocasião, a autora utiliza, por sua vez, a terminologia “tipos de família”.

que houvesse maior migração das famílias, bem como a formação de famílias artificiais, com membros incorporados – os *kosei kazoku* – para que fosse possível a imigração não só de indivíduos que não contavam com famílias de, no mínimo, três membros aptos ao trabalho, como também de indivíduos que migravam individualmente, incorporados aos coletivos.

O terceiro fluxo difere consideravelmente dos cenários anteriores. Com a possibilidade da migração individual, viabilizada pelo afrouxamento na legislação (Saito, 1961; Handa, 1980) cresceu o número desse tipo de migração, ainda que a migração da composição familiar conjugal tenha se mantido à frente de todos os outros tipos. A própria presença dos *kosei kazoku* diminuiu bastante, ainda que a restrição das “três enxadas” para o trabalho tenha permanecido.

4.3. Tamanho da família

Segundo Cardoso (1995) a imigração familiar possibilitou um equilíbrio na razão de sexo dos imigrantes, reforçado pela restrição à imigração individual, especialmente nos fluxos precedentes à II Guerra Mundial. A presença de famílias numerosas contava também com a presença de diferentes gerações, favorecendo os relacionamentos endogâmicos à comunidade de imigrantes, que visavam manter as relações familiares entre patrícios, já que seu plano era o breve retorno ao Japão, mantendo seus costumes e tradições, e restringindo a necessidade de interagir com os brasileiros e outros imigrantes.

O tamanho da família segue uma lógica similar ao ocorrido com a composição familiar. O padrão encontrado nos dois primeiros fluxos é semelhante, com famílias compostas por 6 a 8 membros sendo a com maior proporção. O que se altera visivelmente do primeiro para o segundo fluxo são as famílias com 9 a 11 membros, que ocupavam a segunda colocação no primeiro fluxo, mas passam a ocupar a terceira colocação no segundo fluxo, tendo em vista o aumento das famílias compostas por 3 a 5 membros.

No terceiro fluxo, diferentemente dos fluxos anteriores, e como observado na análise dos grupos etários acima, há grande presença de imigrantes individuais, possibilitada pela flexibilização da legislação que restringia esse tipo de migração. Aumentaram também a proporção de famílias compostas por 3 a 5 membros. Já as famílias de 6 a 8 membros, que nos fluxos anteriores eram aquelas com maior proporção, ocupam agora a terceira posição. Famílias com 9 a 11 membros, que também tinham maior relevância nos dois primeiros fluxos, foram reduzidas a praticamente um terço do que eram anteriormente.

Como bem aponta Vieira (1973), tanto a composição familiar quanto o seu tamanho, para além dos condicionantes legais, poderiam estar atrelados à manutenção de costumes e tradições herdadas do patriarcado rural japonês, fomentado hierarquicamente pela maior importância do homem em relação à mulher, do mais velho sobre o mais jovem e dos familiares sobre os membros externos (ou incorporados), como os genros, noras e os *kosei kasoku*.

Os fluxos anteriores à Segunda Guerra estariam então mais suscetíveis aos aspectos históricos e culturais, que conformavam as formações e interações familiares, e preconizavam a manutenção das relações endogâmicas. Nos fluxos posteriores, as relações já apresentavam alguma alteração, gerando inclusive conflitos entre os imigrantes antigos e os chamados "Japão Novo", recém chegados. As interações familiares observadas já contavam com casamentos mistos, famílias menores e a crescente supressão do padrão familiar hierárquico e autoritário por novos padrões de comportamento (Vieira, 1973).

A própria condição da emigração familiar, inicialmente, condizia com o propósito do retorno breve ao país de origem, buscando também diluir dos custos da viagem por meio de uma família numerosa, apta ao trabalho, capaz de reaver com maior brevidade os recursos utilizados na empreitada (Handa, 1980). Tal situação foi modificando-se com o passar dos anos, das crescentes dificuldades em se obter recursos e, por consequência, da mudança de planos iniciais. Neste sentido, no último fluxo de imigrantes, após a Segunda Guerra, os planos da maioria dos imigrantes era permanecer no Brasil definitivamente, o que justifica a mudança no tamanho e nas características familiares.

4.4. Contexto imigratório

O primeiro fluxo, subsidiado pelo governo do Estado de São Paulo, buscando suprir a escassez de mão-de-obra europeia para a lavoura, principalmente a cafeeira, foi composto pela chegada de aproximadamente 31.000 japoneses (Suzuki, 1995). Era um fluxo composto por indivíduos que buscavam alternativas à crise econômica japonesa, e que em grande parte tinham origem no meio rural, mas com condições financeiras mínimas que lhes permitissem, visando o enriquecimento, se arriscar nessa empreitada em direção a um país que, em muitos casos, sequer haviam ouvido falar. Foi um fluxo de certo modo intermitente, variando conforme os fluxos imigratórios europeus chegavam ou eram suspensos.

O segundo fluxo, com o grande diferencial de ser subsidiado pelo governo japonês, com o objetivo de diminuir as tensões causadas pelo excedente populacional nos centros urbanos em desenvolvimento e os altos índices de desemprego no Japão, tornou-se mais constante, e também por isso, é o que apresenta maior contingente de imigrantes, cerca de 158.000 imigrantes (Suzuki, 1995). Foi um fluxo composto, em grande parte por famílias, que seguiam para o Brasil, tal como o fluxo anterior, com o propósito de enriquecer e retornar ao seu país de origem, mas que em decorrência da precariedade de condições encontradas na sua chegada, na grande dificuldade em levantar recursos, boa parte acabou se fixando nas terras brasileiras (Sakurai, 2007). Este fluxo atingiu o seu auge na primeira metade dos anos 1930, e foi encerrado em 1941, em decorrência da Segunda Guerra Mundial (Suzuki, 1969; 1995).

Por fim, o último fluxo aqui analisado, que se inicia após a reaproximação e a retomada das relações diplomáticas entre Brasil e Japão em 1951, após o término da Segunda Guerra Mundial, e se estende até o início dos anos 1970. Por conta dos dados utilizados neste trabalho, referentes ao Censo *The Japanese Immigrant in Brazil*, de 1964, o fluxo

será analisado até 1958, quando da aplicação do recenseamento.

Neste período chegaram ao Brasil aproximadamente 46.000 japoneses (Suzuki, 1964; 1995), porém as características dos imigrantes eram distintas dos fluxos anteriores. Nesse período, houve maior presença de jovens, e o custeio de sua viagem era feito em grande parte por empresas e fazendeiros japoneses estabelecidos no Brasil, que recrutavam essas pessoas desde o Japão. Buscava-se pessoas com melhores qualificações, e a maior proporção de imigrantes era originária das zonas urbanas. Houve também a liberação da migração individual, que não era permitida nos dois fluxos anteriores. Fugindo de um país devastado pela guerra, esses imigrantes, ao contrário dos fluxos anteriores, tinham por propósito estabelecer-se no Brasil, sem almejar o retorno ao seu país de origem (Sakurai, 2007; Suzuki, 1964; 1995).

4.5. Registros fotográficos

Os registros fotográficos para cada fluxo ilustram diferentes momentos e características dos mesmos. O primeiro fluxo (Quadro 1) traz como registro o navio *Kasato Maru*, o primeiro a aportar em terras brasileiras, trazendo consigo famílias que buscavam novas oportunidades, com o sonho de melhorarem suas condições de vida, e de retornarem bem-sucedidas ao Japão. Quando do seu desembarque, muitas foram as surpresas encontradas, desde o clima, as pessoas, a comida, e também as condições, que por diversas vezes, não condiziam com o que lhes fora prometido ao embarcarem em seu país de origem.

Já o segundo fluxo (Quadro 2) é ilustrado pelo passaporte da família Anazawa. Os Anazawa chegaram ao Brasil em 1934, e o grupo familiar era composto pelo chefe da família Tokunosuke Anazawa, sua esposa Mewo Anazawa, e seus cinco filhos: Fuyu Anazawa (15 anos), Kenichi Anazawa (12 anos), Sotojiro Anazawa (7 anos), Koichi Anazawa (5 anos) e Kisako Anazawa (1 ano). Esse caso ilustra uma situação bastante comum para o período, com a família composta por membros aptos ao trabalho, atendendo às determinações legais para que pudessem migrar.

O terceiro fluxo (Quadro 3) é ilustrado pelas "três enxadas": Saburo Oyama casado com Fusako Oyama e Jinko Sato, irmã de Fusako. Este registro fotográfico ilustra o dia em que essas pessoas foram para o treinamento anterior à migração, para terem um mínimo conhecimento sobre o Brasil, a língua e outros aspectos, e para se prepararem para os 40 dias de viagem rumo ao novo país. Novamente, vê-se nessa imagem a representação da mão-de-obra, que neste caso fora recrutada desde o Japão, para o trabalho nas fazendas do interior do Estado de São Paulo – um dentre muitos outros exemplos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente trabalho foi analisar as diferentes características e a composição familiar dos imigrantes japoneses que vieram para o Brasil durante os três principais fluxos, no período de 1908 a 1958, a partir dos dados do Censo *The Japanese Immigrant in Brazil* (1964).

Como o proposto, verificou-se os diferenciais em cada fluxo em relação à composição demográfica, tendo como fundamentação teórica os estudos de família, analisando aspectos relacionados ao ciclo de vida dos indivíduos e dos coletivos ao qual pertenciam.

Foi fundamental para esta análise compreender os impactos gerados no ciclo de vida das pessoas em decorrência de acontecimentos históricos, de cunho político, econômico e social que interferem no curso de vida das pessoas, no caso estudado, dos imigrantes japoneses. A partir da consideração dos eventos de impacto, ou como foi denominado por Hareven e Masaoka (1988), *turning points*, pôde-se compreender como a composição das famílias, nos diferentes períodos, é afetada por esses eventos diversos

Ocorridos de distintas maneiras e com diferentes impactos, observou-se ser extremamente necessário ter em vista a relação dos aspectos externos com o curso de vida dos indivíduos e de seus familiares. É essa relação que irá determinar os caminhos que serão seguidos, quais condicionantes serão considerados, quais atitudes deverão ser tomadas e o que isso causará na continuidade do ciclo vital dessas pessoas e das futuras gerações.

De acordo com as características observadas, ficaram demonstradas que as composições dos diferentes fluxos de imigrantes japoneses carregavam consigo informações e condicionantes que refletiam todo um prospecto histórico, seja em seu país de origem ou no seu destino. A caracterização demográfica da composição dos fluxos e a relação com as diferentes composições familiares observadas, evidencia que outros aspectos, não somente os demográficos, devem ser considerados para uma análise com maior completude, que tenha condições de ter a percepção dos liames que estão presentes nas relações sociais, individuais e familiares, e também nas informações que essas pessoas carregam consigo, decorrentes de um contexto histórico prévio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAZAWA, Tathiane Mayumi (2012): *Vulnerabilidade e Território no Litoral norte de São Paulo: Indicadores, Perfis de Ativos e Trajetórias*. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto) – INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

ANDO, Zenpati e WAKISAKA, Katsunori (1971): "Sinopse Histórica da Imigração Japonesa no Brasil", em CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS, *O japonês em São Paulo e no Brasil*, São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

- BONATTI, Thiago Fernando e SCOTT, Ana Volpi (2018): *O Censo The Japanese Immigrant in Brazil: suas limitações e potencialidades no âmbito dos estudos da Demografia Histórica e da análise dos processos de integração e assimilação dos imigrantes japoneses (1908-1962)*, Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/42>.
- BONGAARTS, John (1983): "The formal demography of families and households: an overview", *International Union for the Scientific Study of Population*, 17, pp. 27-42.
- BRASS, William (1983): "The formal demography of families: an overview of the proximate determinants", *In The family. British society for population studies (OPCS) occasional paper*, 31, pp. 37-49.
- CARDOSO, Ruth (1972): *Estrutura Familiar e Mobilidade Social: Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo*, São Paulo, Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada.
- COOK, Theodore F. (1983): "Cataclysm and Career Rebirth: The Imperial Military Elite", en PLATH, David W. (ed.), *Work and Lifecourse in Japan*, Albany, N.Y., State University Press of New York, pp. 135-155.
- HANDA, Tomoo (1987): *O imigrante japonês: Histórias de sua vida no Brasil*, São Paulo, T.A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- HAREVEN, Tamara K. (1995): "Historia de la familia y la complejidad del cambio social", *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, XIII, I, pp. 99-149.
- HAREVEN, Tamara. K. e MASAOKA, Kanji (1988): "Turning points and transitions: perceptions of the life course", *Journal of Family History*, 13, 3, pp. 271-289.
- IBGE (2008): *Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*, Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, IBGE.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida e DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (2012): *Educação e cultura: Brasil e Japão*, São Paulo, EDUSP.
- KODAMA, Kaori e SAKURAI, Célia (2008): "Episódios da imigração: um balanço de 100 anos", en IBGE, *Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*, Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, IBGE.
- NINOMIYA, Masato (1996): "O Centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão", *Revista USP*, São Paulo, 28, pp. 245-250.
- OCADA, Fábio Kazuo (2006): "Uma Reconstrução da Memória da Imigração Japonesa no Brasil", *Teoria e Pesquisa*, UFSCar, São Carlos, 49.
- _____ (2012): "Recordações de um fragmento da História da imigração japonesa no Brasil", *Revista Ruris*, 6, 1, pp. 75-106.

- PAIVA, Odair da Cruz (2008): "Migrações Internacionais pós Segunda Guerra Mundial: A influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960", *XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP, Anais*.
- OLIVEIRA, Adriana Capuano de e TARELOW, Gustavo Querodia (2014): "O "Perigo amarelo": Imigração japonesa, eugenia e os discursos de A. C. Pacheco e Silva na assembleia Constituinte (1933-1934)", in MOTA, André e MARINHO Gabriela S. M. C. (orgs.), *Saúde e História de Migrantes e Imigrantes: Direitos, Instituições e Circularidades*, São Paulo, USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G, Casa de Soluções e Editora.
- PATARRA, Neide (1995): *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*, São Paulo, FUNAP.
- PETRONE, Maria Thereza Schorer (1978): "Imigração", en FAUSTO, Boris (org.), *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930)*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- RUGGLES, Steven (1990): "Family Demography and Family History: Problems and Prospects. Department of History University of Minnesota", *Historical Methods*, 23, 1, pp. 22-30.
- SAITO, Hiroshi (1961): *O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação*, São Paulo, Nacional.
- SAKURAI, Celia (2000): *Imigração Tutelada: os Japoneses no Brasil*, Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.
- _____ (2004): "Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes, em *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*, 20-14 de setembro, Caxambu, MG. Anais.
- _____ (2007): *Os japoneses*, São Paulo, Contexto.
- _____ (2008): "Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig: quem eram os imigrantes?", en IBGE, *Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil*, Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, IBGE.
- SASAKI, Elisa (2006): "A Imigração para o Japão", *Estudos Avançados*, 20, pp. 99-117.
- SCOTT, Ana Silvia Volpi (2009): "As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil", *História: Questões & Debates*, Curitiba, 51, pp. 13-29.
- SUZUKI, Teiiti (1964): *The Japanese Immigrant in Brazil. Statistical tables, Japan*, University of Tokyo Press.
- _____ (1969): *The Japanese Immigrant in Brazil. Narrative Part*, Japan, University of Tokyo Press.
- _____ (1995): "A imigração japonesa no Brasil". *Rev. Inst. Est. Bras.*, 39, pp. 57-65.

TANIGUTI, Gustavo (2012) : "Imigrantes japoneses e mercado de trabalho agrícola em São Paulo - 1908-1958", en *Encontro Estadual de História*, ANPUH-SP, 21, Anais, Campinas.

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig (1973) : *O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília*, São Paulo, Pioneira, Editora da Universidade de São Paulo.